

GT06: Antropologia da Escrita

Paulo Augusto Franco, Julian Simões

Nesse GT pretendemos fomentar a discussão crítica acerca dos regimes, práticas e usos da escrita sob o ponto de vista da antropologia e nas suas interseções com a história e os estudos literários e culturais. Assumimos a escrita como objeto e ferramenta do conhecimento, crucial para as relações sociais e central na formação e transmissão destes. Nós a concebemos como práticas - coisas que as pessoas produzem e fazem - que abrigam e expressam marcas, vozes, significados e intenções - presenças e ausências/silêncios- das pessoas que as produzem e manuseiam, no passado e no presente. A perspectiva que propomos terá em conta uma diversidade de práticas de escrita em discussões que endereçam problemas em perspectiva interseccional e em diferentes escalas: (a) as relações entre escrita e fontes de pesquisas na história; (b) entre escrita e autoria/autoridade acadêmica, etnográfica e literária; (c) os registros e arquivamentos pessoais e familiares, escritas cotidianas, as escritas de si e as (auto)biografias (cartas, diários, bilhetes, notas, blogs); (d) memórias, esquecimentos e identidades (e) os documentos escritos do Estado e da burocracia; (f) a escrita médica dos prontuários, códigos e classificações; (g) a escrita jurídica e a produção de sujeitos e seus direitos; (h) os regimes denominados linguagem simples e acessível; (i) as relações entre escrita, tecnologia e ambientes digitais, entre outras formas de escrita que produzem e reproduzem sujeitos e relações.

Mitos, encontros, e outras falas, a grafia da vida social Jamamadi

Autoria: Hugo Ciavatta

Quem conta os mitos ameríndios produz uma grafia da vida social ameríndia? Com a pesquisa de campo com os Jamamadi do Alto Purus, mais especificamente de Massekury, o objetivo de minha proposta é, conceitualmente, explorar a noção de momento etnográfico (STRATHERN, 2014), ao lado da descrição de um encontro tenso de Mauani, contadora dos mitos de seu povo, com Tatiarabu, ex-Pajé da mesma comunidade indígena, encontro este, claro, que pude acompanhar. Com isso, contar os mitos, ocupar a posição de quem conta os mitos, mediar o conhecimento então se tornaram artefatos de análise e da escrita antropológica para os quais eu me volto desde então, e que me permitem eliciar relações (WAGNER, 1986) de outros encontros, de outras falas vivenciadas durante a pesquisa. Aquele encontro, desse modo, tornou-se uma performance de Mauani, conectando muitas imagens, muitos acontecimentos; a reação de Tatiarabu e as questões, as repetidas questões que ele direcionou à pesquisa ao longo de nossa convivência; as demais práticas de Mauani, suas atividades, suas "histórias de antigamente", ou seja, os mitos Jamamadi, quando, onde e como aparecia Mauani em meio às relações na aldeia de seu povo, tudo isso compõe uma grafia (KOFES, 2014) da vida social indígena que a escrita antropológica procura acompanhar.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

